NOTA DA AUTORA:

Querido Leitor,

Quando escrevi *Como Eu Era Antes*, há mais de uma década, não tinha planeado que ninguém o lesse. Não tinha a certeza de ser capaz de partilhar algo tão pessoal com o mundo. Estava a escrevê-lo apenas para mim, para resolver os meus próprios pensamentos e sentimentos como sobrevivente, e como alguém que conhecia muitos outros sobreviventes de violência e maus-tratos. Mas quando comecei, de forma hesitante, a partilhar o que tinha escrito com alguns amigos, tornou-se claro que esta história era maior do que eu. Comecei a ter esperança de poder contribuir com algo de significativo para um debate mais vasto.

Sempre tive as minhas próprias ideias sobre o que deveria acontecer a Eden depois do fim da história. Mas quando escrevi o meu rascunho final no início de 2015, não me consegui convencer a escrever um fim que o meu coração não acreditava que pudesse de facto acontecer. E também não suportava dar a Eden um fim que fosse menos do que aquilo que ela merecia. Por isso deixei a história de lado com uma esperança, um desejo.

A história de Eden é muitas coisas, mas, no seu âmago, é sobre encontrarmos a nossa voz e, ao escrevê-la, encontrei a minha. Nos anos seguintes, vi a coragem e a valentia de tantas pessoas durante

o Movimento #MeToo, recusando-se a ser silenciadas, lutando para ganhar nem que fosse um bocadinho de justiça. Incontáveis leitores também me procuraram, confiando-me o conforto que encontraram ao ver as suas histórias refletidas na de Eden. Empoderada pelas suas vozes, continuei a trabalhar os temas de amor e ódio, violência e justiça nos meus livros seguintes. No entanto, Eden esteve sempre no fundo da minha mente. Ideias aproximavam-se inesperadamente e davam-me toques no ombro, sussurravam ao meu ouvido, recusando-se a partir. Por fim, fortificada pela vossa força e vulnerabilidade, o capítulo seguinte da história de Eden — um recomeço — parece por fim possível.

Com Amor,
Amber

PARTE UM



Abril







EDEN



Estou a desaparecer outra vez. Começa nas margens, as minhas extremidades a desfocar-se. Os dedos das mãos e dos pés ficam cheios de estática e dormentes sem nenhum aviso. Agarro-me à beira do lavatório da casa de banho e tento manter-me de pé, mas as minhas mãos não funcionam. Os meus braços estão fracos. E agora os meus joelhos também querem ceder.

A seguir, é o meu coração, a bater depressa e de forma irregular.

Tento respirar fundo.

Os meus pulmões são cimento, pesados e rígidos.

Nunca devia ter concordado com isto. Ainda não. É demasiado cedo.

Passo a mão pelo espelho coberto de vapor, e o meu reflexo fica embaciado demasiado depressa. Engasgo-me com uma gargalhada ou um soluço, não percebo qual, porque estou mesmo a desaparecer. Quase desapareci. Literalmente, figurativamente, e tudo pelo meio. Fechando os olhos com força, tento localizar um pensamento, só um, aquilo que ela disse para fazer quando isto acontece.

Conta cinco coisas que consigas ver. Abro os olhos. Escovas de dentes no copo de cerâmica. Uma. *Okay*, está *okay*. Duas: o meu telemóvel, ali, na bancada, a iluminar-se com uma série de mensagens. Três: um copo de água, cheio de bolhas de condensação. Quatro: o frasco cheio de

comprimidos de prescrição condicionada[1] de que estou a tentar muito não precisar. Olho para as minhas mãos, que ainda não estão bem. São cinco.

Quatro coisas que sentes. Água a pingar-me do cabelo e pelas costas, sobre os ombros. Mosaicos lisos sob os meus pés. Uma toalha engomada enrolada no meu corpo húmido. O lavatório de porcelana, fresco e duro contra as palmas das minhas mãos a formigar.

Três sons. A ventoinha do exaustor a zumbir, os sopros e arquejos breves da minha respiração a acelerar, e uma pancada na porta da casa de banho.

Dois cheiros. Champô de pêssego e natas. Gel de duche de eucalipto.

Um sabor. O elixir bucal de menta picante com um toque de vómito a perdurar por baixo, dando-me vontade de vomitar outra vez. Engulo com força.

— Pelo amor de Deus — sibilo, limpando novamente o espelho. Desta vez com ambas as mãos, uma por cima da outra, a esfregar o vidro. Recuso-me a ceder a isto. Não esta noite. Aperto os dedos em punhos até sentir os nós dos dedos estalar. Inspiro, com demasiada brusquidão, e por fim consigo fazer entrar algum ar no corpo. — Estás bem. — Solto o ar. — Estou bem — minto.

Estou a fitar o buraco redondo e preto do ralo quando os meus olhos se desviam outra vez para o frasco. Pronto. Desenrosco a tampa com as mãos inúteis e deixo cair um comprimido esbranquiçado na palma. Engulo-o. Engulo-o bem. E depois bebo o copo inteiro de água de uma só vez, deixando fios de água escorrer dos cantos da minha boca, pelo pescoço, sem sequer me dar ao trabalho de os limpar.

— Edy? — É a minha mãe, a bater outra vez à porta. — Está tudo bem? A Mara está cá para te vir buscar.

— Sim, eu… — A minha respiração suspende-se com a palavra. — Estou quase pronta.

[1] No original, *amber prescription*; trata-se de uma designação utilizada em alguns sistemas de saúde (por exemplo, no Reino Unido) para um tipo de medicação que requer mais cautela no uso, pelo que deve ser iniciada por um especialista, mas pode, sob determinadas condições, ser continuada por um médico de clínica geral. (*N. da T.*)





JOSH



Há quatro meses que não vinha cá. Há quatro meses que não via os meus pais. Passaram quatro meses desde a discussão com o meu pai. Quatro meses desde a última vez que estive aqui no meu quarto. Só estou em casa há umas horas, ainda não vi o meu pai, e já me sinto a sufocar.

Deixo-me descair e a minha cabeça afunda-se nas almofadas, e, ao fechar os olhos, juro que consigo cheirá-la por um instante. Porque, da última vez que cá estive, ela estava aqui ao meu lado, na minha cama, sem mais segredos entre nós. E, ao voltar a cabeça, trago a almofada ao rosto para inalar mais profundamente desta vez.

O meu telemóvel vibra na minha mão. É o Dominic, o meu colega de quarto, que praticamente me fez a mala e me arrastou para fora do nosso apartamento e para o seu carro para vir a casa esta semana. Tinha de vir a dada altura.

A sua mensagem diz:

estou a falar a sério. está pronto daqui a 10... e nem penses em desmarcar-te

Começo a responder, mas agora que tenho o telemóvel na mão e Eden na cabeça outra vez, procuro antes as suas mensagens, as minhas três últimas ainda por responder. Há algum tempo que não olhava para

elas, mas agora estou sempre a relê-las, a tentar perceber o que disse de errado. Tinha visto o artigo sobre a detenção dele. Perguntei-lhe como estava a lidar com as coisas. Lembrei-lhe que era seu amigo. Disse-lhe que estava aqui se ela precisasse de alguma coisa. Voltei a mandar mensagem passados dois dias, outra vez na semana seguinte. Até telefonei e deixei uma mensagem de voz.

A última coisa que lhe escrevi foi:

devia ficar preocupado?

Ela não respondeu e eu não queria pressioná-la. Agora tinham passado meses, e era aqui que estávamos. Digito um simples **ei** e fico a olhar para a palavra, aquelas duas letras a desafiar-me a pressionar «enviar».

A porta do meu quarto abre-se com um rangido e duas pancadas rápidas, seguidas por uma pausa e mais uma. O meu pai.

— Josh? — diz ele. — Estás em casa.

— Yep. — Apago a palavra depressa e pouso o telemóvel virado para baixo na cama. — O que se passa?

— Nada, eu… eu só, hã, queria dizer olá. — Enfia as mãos profundamente nos bolsos das calças de ganga, os olhos límpidos e focados quando olha para mim. — Não vi o teu carro lá fora.

— Sim, o Dominic trouxe-nos a casa — explico, sentindo a minha guarda a baixar só o suficiente para a fúria começar a crescer dentro de mim.

— Oh — diz ele, com um aceno de cabeça.

Volto a pegar no telemóvel; tenho esperança de que ele perceba a deixa.

— Na verdade, se tiveres um minuto, queria mesmo falar contigo. Sobre a última vez que estiveste em casa. Olha, eu sei que não estive do teu lado quando estavas a lidar com… — Para, à procura do resto de uma frase que suspeito que também não está lá.

Observo-o com atenção, à espera para ver se ele se lembra mesmo daquilo com que eu lidava da última vez que estive em casa. Aposto comigo mesmo enquanto espero; se ele se lembrar nem que seja de um fragmento do que aconteceu há quatro meses, fico esta noite. Falo com ele, como ele quer. Digo-lhe que lhe perdoo, e talvez até fale a sério.

— Tu sabes — começa outra vez —, quando estavas a lidar com aquilo tudo.

— O que é isto, pedir desculpas? — pergunto. — Já vais no passo nove? *Outra vez* — resmungo baixinho.

— Não — diz ele, estremecendo suavemente. — Não é isso, Josh.

Suspiro e volto a pousar o telemóvel.

— Pai, desculpa — digo-lhe, embora *não* lamente. Mas também não preciso que ele arruíne a sobriedade outra vez porque eu lhe apliquei um golpe baixo. — Merda, eu só…

— Não, tudo bem, Joshie. — Levanta as mãos em frente do peito e sacode a cabeça, limitando-se a aceitar. — Tudo bem. Eu mereci isso. — Recua alguns passos até poder agarrar-se à ombreira da minha porta como se precisasse de alguma coisa a que se apoiar. Abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas a campainha interrompe-o. Agora, também ouço a minha mãe lá em baixo, a falar com Dominic.

— Não sei porque é que disse aquilo. — Tento desculpar-me outra vez: — Desculpa.

Tudo bem, murmura, depois volta-se para o corredor, cumprimentando Dominic como o pai perfeito que por vezes é mesmo.

— Dominic DiCarlo em carne e osso! Ouvi dizer que tiveste uma boa temporada. — O que ele não diz é que a *minha* temporada tem sido uma merda; não precisa de dizê-lo, todos sabemos. — A manter este na linha, de certeza — acrescenta, com o seu bom humor.

— Tal e qual — brinca Dominic, apertando a mão estendida do meu pai. — Alguém tem de o manter na linha. — Está todo bem-disposto até me ver, a tirar o boné e a tentar alisar a camisa amarrotada. — Meu, não estás nada pronto.



EDEN

Agora as minhas mãos estão firmes quando as estendo para o puxador da porta. Firmes quando desço a pala no carro de Mara e ponho rímel nas pestanas. Firmes quando Steve entra para o lugar ao meu lado e entrelaça os dedos nos meus, sorrindo docemente ao dizer:

— Ei, tive saudades tuas.

O meu coração desacelerou agora que o medicamento entrou na minha corrente sanguínea. Embora saiba que não é uma calma verdadeira, creio que é suficiente para eu fazer isto pelos meus amigos. Para sair e agir normalmente uma última noite, antes de largar outra bomba sobre eles. Portanto, minto, e digo:

— Eu também.

O namorado de Mara, Cameron, bate com a porta do lado do passageiro quando entra. Beija Mara e depois olha para trás, para mim, e diz:

— Provavelmente vamos perder o espetáculo de abertura.

— Não vamos nada — responde Steve no meu lugar, depois inclina-se para mim e beija o meu ombro nu. — Fico contente por teres decidido vir.

— Sim, eu também — repito, sentindo que devia ser a sério.

— Estava na altura de voltares a sair — diz ele.

— Foi o que eu lhe disse, Steve — contribui Mara, toda sorrisos.

— Pensa nesta noite como um recomeço — continua ele. — Vais regressar à escola na segunda-feira, e depois tens os últimos dois meses como finalista para gozar. Finalmente. Merecemos!

— Merecemos, sim, raios! — concorda Cameron.

Agem como se eu estivesse a recuperar de uma gripe forte ou assim. Como se, agora que não tenho segredos, as coisas pudessem voltar magicamente ao normal, o que quer que o normal costumasse ser. Como se acabar o último ano não fosse a última coisa na minha cabeça agora. Ou talvez eles tenham razão, e eu devesse apenas tentar ignorar o resto e ser uma adolescente normal nos próximos dois meses, enquanto ainda posso.

— Cameron. — Ouço-me chamar por cima da música, e eles todos voltam-se para olhar para mim. — De qualquer maneira, comprámos bilhetes para os cabeça de cartaz, certo? Portanto, se estivermos atrasados, tudo bem na mesma.

Não que me interesse muito por nenhuma das bandas, mas devo-lhes um bocadinho de entusiasmo.

Ele revira os olhos e dá meia-volta, resmungando:

— Queres dizer, *eu* comprei os bilhetes. — Cameron é o único que não está a fingir, que não está a ser simpático para mim de repente só por causa de tudo o que aconteceu, e sinto-me estranhamente grata por isso. — Podes pagar-me quando quiseres, já agora.

A nossa picardia faz Mara sorrir, e Steve aperta-me a mão com demasiada força, ambos a levarem tudo isto como um bom sinal de que eu ainda não desisti. Aclaro a garganta e preparo-me para lhe dar a advertência que a minha terapeuta me ajudou a encontrar durante a minha sessão desta semana.

— Então, pessoal — começo. — Só queria dizer… Sabem que há algum tempo que não estou com muitas pessoas, e posso, tipo, ficar ansiosa ou…

— Não faz mal — interrompe Steve, puxando-me para mais perto. — Não te preocupes, nós estaremos lá.

— *Okay*, é só porque posso precisar de fazer um intervalo e ir apanhar ar por uns minutos, ou assim. E se isso acontecer, não é nada de

especial e estou bem, por isso não quero que ninguém se preocupe ou ache que temos de vir embora nem nada. — Não saiu tão suavemente como eu pratiquei, mas disse o que precisava de dizer. Limites.

Agora os seus olhos nervosos de cachorrinho estão sobre mim. E Mara semicerra os olhos para mim através do retrovisor.

— Quer dizer, pode não acontecer. É difícil dizer — acrescento, para eles pararem de olhar para mim assim. — Ou posso só ficar mesmo muito bêbeda e divertir-me como o caraças.

— *Edy* — ralha Mara, ao mesmo tempo que Steve grita:

— Não!

— Estou a brincar — digo com um sorriso. Há quatro meses que não faço nada de mau. Embora a minha terapeuta me dissesse para substituir mau por «pouco saudável». Não bebi, nem estive com rapazes, nem fumei nenhuma substância, de todo. Ainda não tenho a certeza de porque é que tomar estes comprimidos quando fico assoberbada é diferente das outras coisas *pouco saudáveis*. Não tenho a certeza de quem decide o que é bom e o que é mau. Mas estou a fazê-lo na mesma, a seguir estas regras, porque quero melhorar, ser melhor. Quero mesmo.

Vindos do parque de estacionamento, passamos por um grupo de universitários com bebidas nas mãos, à volta de uma velha mesa de piquenique que parece estar a ser em parte mantida de pé pelas paredes de cimento do edifício. O fumo dos seus cigarros chama-me quando passamos por eles, e ouço-os a rir e a derramar as bebidas. Se Steve não me estivesse a agarrar na mão com tanta força, se as coisas agora não fossem diferentes, imaginar-me-ia a dirigir-me a eles, a encontrar um espaço fácil onde pertencer por esta noite.

Mas as coisas *estão* diferentes. Esse tipo de facilidade já não existe para mim.

À porta, dão a cada um de nós uma pulseira rosa-neon a dizer UNDER 21[2] que o tipo me põe, tocando no interior do meu pulso ao fazê-lo.

[2] *Under 21* pode traduzir-se por «menor de 21», a idade em que passa a ser permitido adquirir e consumir bebidas alcoólicas nos EUA. (*N. da T.*)

Sei que não é nada, mas já me sinto de certa forma violada por esse pequeno toque, mas também estranhamente entorpecida perante ele.

A pulseira está demasiado apertada. Puxo-a para ver se cede um bocadinho, mas são daquelas de papel que não se consegue rasgar ou apertar para tirar do pulso.

Mara não parece nem um bocadinho incomodada pela sua, por isso tento esquecê-la.

A música retumba das colunas. Para onde quer que olhe, há pessoas a beber, rir, gritar. Alguém me dá um encontrão e sei como o meu corpo devia sentir-se com tudo aquilo. Aquele choque de adrenalina, o coração a acelerar, a respiração mais rápida. Mas não há nada. Exceto aquela sensação de estar a desaparecer novamente, mas desta vez não despoleta um ataque de pânico. Só me faz sentir como se parte de mim não estivesse mesmo ali. De repente, não tenho a certeza de poder confiar em mim mesma para saber sequer se estou segura ou não, com essa parte de mim dormente.

Desta vez agarro-me com mais força à mão de Steve, enquanto ele nos conduz para mais perto do palco. Mara pega na minha outra mão, e, quando olho para trás, para Cameron a dar-lhe a mão a ela, lembro-me do recreio no infantário, criancinhas a formar uma cadeia humana para atravessar a rua para chegar ao parque infantil. Detesto precisar disso agora.

— 'tás bem? — diz Mara ao meu ouvido, quando os corpos começam a acumular-se à nossa volta.

Digo-lhe que sim com a cabeça.

E estou. Mais ou menos. Durante o primeiro *set* da banda de abertura, estou bem. Até me deixo balançar um bocadinho. Não dançar ou saltar ou mexer as ancas ou fechar os olhos e tocar no meu namorado como Mara está a fazer, de uma maneira que parece tão fácil. É diferente, quimicamente, a ausência de álcool, a presença desta medicação a turvar-me a cabeça em vez disso.

Quando a banda — a banda favorita de Steve, a que viemos ver — sobe ao palco, sinto-me a emergir outra vez. Suavemente, de início. Há um bater irregular do coração no meu peito que me é familiar e

a minha respiração torna-se difícil e instável, o baixo a reverberar no meu crânio.

— Está tudo bem — sussurro, incapaz de ouvir a minha própria voz com a música. Largo a mão de Steve. As minhas palmas estão a ficar suadas. E estou, de repente, muito ciente de todas as partes do meu corpo que estão a tocar os corpos de outras pessoas enquanto chocam contra mim.

Olho em volta, agora, demasiado depressa, observando tudo o que não vi quando chegámos, tudo de uma vez. Vejo as cores da nossa escola; um blusão da equipa desportiva capta as luzes do palco. Sinto de imediato um aperto no estômago… Não sei como é que não contei com ver pessoas da escola aqui esta noite. Afinal de contas, nós estamos aqui. Mas depois vejo-o em clipes, *flashes*, a cabeça atirada para trás, a rir-se. O Desportista. Um dos antigos amigos de Josh.

Não. Estou a imaginar coisas. Fecho os olhos por um instante. Reiniciar.

Mas, quando os abro, ele continua definitivamente ali. É definitivamente o Desportista. O que me encontrou junto ao cacifo certo dia, depois das aulas. O que me perseguiu pelo corredor. O que queria assustar-me, queria que eu pagasse pela sova que o meu irmão tinha dado a Josh. Volto-me para a frente, olho para o palco. Isto é o agora. Não é essa altura. Mas não consigo evitar; olho outra vez. Volto a fechar os olhos. Ouço a sua voz outra vez no meu ouvido. *Ouvi dizer que és uma porca.*

A minha cabeça lateja, agora.

Aclaro a garganta, ou tento.

— Steve! — grito, mas ele não me consegue ouvir. Ponho a mão no seu ombro, e ele olha para mim. Coloco as mãos em concha à volta da boca, ele debruça-se. Estou praticamente a gritar-lhe ao ouvido.

— Vou lá fora.

— O quê? — berra ele.

Aponto para a saída.

— 'tás bem? — grita.

Anuo.

— Sim, só estou esquisita.

— O quê? — berra ele outra vez.

— Dor de cabeça — grito de volta.

— Queres que vá?

Sacudo a cabeça.

— Fica, a sério.

Ele olha de mim para a banda.

— De certeza?

— Sim, é só uma dor de cabeça. — Mas não tenho a certeza de que ele ouve.

Mara repara que estou a sair e agarra-me no braço. Diz qualquer coisa que não consigo perceber.

— É só uma dor de cabeça — digo-lhe. — Volto já.

Ela abre a boca para discutir e agora agarra o meu outro braço, para estarmos frente a frente, mas, de forma inesperada, felizmente, é Cameron quem lhe toca com gentileza no pulso, fazendo-a largar-me. Acena com a cabeça para mim e mantém Mara ali.

Esgueiro-me por entre aberturas na massa de corpos, sustendo a respiração enquanto luto contra a corrente. A minha cabeça lateja mais agora, ao ritmo da música mas descoordenada relativamente aos meus passos, desequilibrando-me, a música a chocalhar-me no peito. Por fim consigo passar pelo pior, saltando como uma bola de *pinball* ao lutar para passar pela fila de pessoas ainda à espera para entrar.

Parece-me ouvir o meu nome, por cima de todas as vozes e da música que se derrama pelas portas.

Lá fora, vou direta para o parque de estacionamento, e agora tenho a certeza de que ele está a chamar o meu nome. Steve sempre quis ser uma espécie de Príncipe Encantado, mas, se ele é o príncipe, eu sou só outra porra de Cinderela, os meus comprimidos mágicos desvaneceram-se, o feitiço está quebrado. Estou de trapos, o baile continua sem mim. E já não pertenço aqui; nunca pertenci. Já sei, ao tentar recuperar a respiração, o ar fresco a atingir o suor na minha face e no meu pescoço, que não vou de maneira nenhuma conseguir ir lá para dentro outra vez.

Inclino a cabeça para o céu e respiro fundo, fecho os olhos ao exalar devagar. Para dentro e para fora. Para dentro e para fora, tal como a minha terapeuta me ensinou. Sinto um toque suave na parte de trás do meu braço.

— Eu disse que estou bem, Steve, a sério. — Dou meia-volta. — É só uma dor de… cabeça.